

A MATEMÁTICA SUBJETIVIDADE LACANIANA: REFINAMENTO TOPOLÓGICO DO CONCEITO DE SUJEITO E DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

THE MATHEMATICAL SUBJECTIVITY OF LACAN: TOPOLOGICAL REFINEMENT OF THE CONCEPT OF SUBJECT AND OF THE PSYCHOANALYTIC CLINICAL PRACTICE

LA MATEMÁTICA SUBJETIVIDAD LACANIANA: REFINAMIENTO TOPOLÓGICO DEL CONCEPTO DE SUJETO Y DE LA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Lucas Wagner Brígido Feitosa¹

RESUMO: O presente estudo examina o uso da topologia para a investigação do sujeito em Lacan. Dessa forma, nota-se que a pesquisa para a escrita apresenta uma incursão tanto na matemática quanto na psicanálise. A contribuição fulcral do trabalho é o refinamento topológico do conceito de sujeito na psicanálise e seu posterior impacto na clínica psicanalítica. Além disso, nota-se que o texto precisa o aspecto científico da psicanálise vinculando-o à topologia. A metodologia empregada na pesquisa precisa ser específica da psicanálise, a qual não desvincula teoria, prática e clínica, de forma que o exercício de escrita é atrelado à experiência clínica de cada pesquisador privilegiando a comunicação entre colegas de trabalho. Dessa forma, após passar por diversas figuras topológicas como a banda de Moebius, o *cross-cap* e o toro, o escrito desemboca na confirmação de que o sujeito demandou uma topologia, o que acaba vinculando, como resultante adicional da pesquisa, clínica e ciência.

Palavras-chave: Sujeito. Psicanálise. Matemática.

ABSTRACT: This study examines the use of topology in Lacan's investigation of the subject. Thus, it is noted that the research for the paper presents an incursion into both mathematics and psychoanalysis. The central contribution of the work is the topological refinement of the concept of the subject in psychoanalysis and its subsequent impact on psychoanalytic clinical practice. Furthermore, it should be noted that the text clarifies the scientific aspect of psychoanalysis by linking it to topology. The methodology employed in the research must be specific to psychoanalysis, which does not separate theory, practice and clinical work, so that the writing exercise is linked to the clinical experience of each researcher, favouring communication between colleagues. Thus, after going through various topological figures such as the Moebius strip, the cross-cap and the torus, the writing arrives at the confirmation that the subject demanded a topology, which ends up linking, as an additional result of the research, clinical practice and science.

Keywords: Subject. Psychoanalysis. Mathematics.

¹Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará Professor do Centro Universitário Multiversa do Jaguaribe.

RESUMEN: El presente estudio examina el uso de la topología para la investigación del sujeto en Lacan. De este modo, se observa que la pesquisa para la escritura presenta una incursión tanto en las matemáticas como en el psicoanálisis. La contribución fundamental del trabajo es el refinamiento topológico del concepto de sujeto en el psicoanálisis y su posterior impacto en la clínica psicoanalítica. Además, se observa que el texto precisa el aspecto científico del psicoanálisis vinculándolo a la topología. La metodología empleada en la investigación debe ser específica del psicoanálisis, que no desvincula la teoría, la práctica y la clínica, de modo que el ejercicio de la escritura está vinculado a la experiencia clínica de cada investigador, privilegiando la comunicación entre compañeros de trabajo. De este modo, después de pasar por diversas figuras topológicas como la banda de Moebius, el *cross-cap* y el toro, el escrito desemboca en la confirmación de que el sujeto exigió una topología, lo que acaba vinculando, como resultado adicional de la investigación, la clínica y la ciencia.

Palabras clave: Sujeto. Psicoanálisis. Matemáticas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como premissa explicitar implicações clínicas quando se entra no estudo topológico de Jacques Lacan. Diante dessas implicações, uma - jamais desvinculável das demais - foi selecionada para recorte de pesquisa: o sujeito. Topologia diz respeito ao estudo dos lugares; ela também é conhecida como a geometria da folha de borracha por tratar de deformações que são feitas numa figura. Na geometria euclidiana, temos uma dura regragem em relação à topologia, que requer, portanto outros invariantes para estabelecimento de suas leis, em busca do que não varia diante de tantas variações. Tal recorte sobre o sujeito pareceu ser o mais apropriado para a pesquisa por talvez ser o ponto fundamental da demanda de topologia para a transmissão do ensino lacaniano tendo em vista que, diante do que se tenta ensinar, uma fórmula pode se transmitir. O texto, então, busca pontuar essa demanda da topologia de Lacan atrelada ao exercício clínico e à consideração do sujeito.

Para tanto, articula-se com Cancina (2008) que um escrito analítico, ao não desatrelar teoria, prática e clínica, permite, dessa forma, o rigor da metodologia de pesquisa em psicanálise. Por clínica, entende-se, para além da prática singular, a transmissão entre colegas analistas (CANCINA, 2008). Portanto, a geometria da folha de borracha com sua regragem singular é buscada para possibilitar a troca entre pares, pois, no ofício da escuta, a singularidade do caso clínico poderia impossibilitar a posterior supervisão ou o ofício de escrita teórica após o tratamento. A topologia aponta para esse vínculo por ser aquilo que permite uma teorização do ofício clínico (CORRÊA, 2009). Ela opera mesmo de passagem. Em tal travessia, observa-

se a tentativa lacaniana de formalização para ensino e transmissão daquilo que se escuta. Não há mesmo como desvincular teoria e ofício, de forma que um analista é convocado a ser também um metapsicólogo na sua singular travessia teórica, em conexão entre colegas que também se posicionam não esquecidos da castração como possibilidade de escrita e sempre novas pesquisas. O presente texto, logo, é fruto disso.

Apenas um curto preâmbulo como ressalva: esse tema da topologia é espinhoso por trazer à tona muitas noções que precisam ser conhecidas previamente. Serão articulados, por exemplo, elementos introdutórios da topologia das superfícies em Lacan: banda de Moebius, toro e *cross-cap*. O primeiro é uma fita de um lado só; o segundo elemento pode ser pensado como uma câmara de ar com um vazio interno; e a última é uma organização específica do plano projetivo, no qual se pode situar o encontro de retas paralelas. Além disso, ao se puxar o fio da noção de sujeito lacaniano para uma articulação, isso se mostrará difícil por explicitar outras noções a ela vinculadas, por exemplo: o sujeito é atrelado intervalarmente aos significantes, à emergência da angústia, à categoria de real, ao objeto, ao corte. Há também uma trajetória lógica no caminho dos seminários de Lacan, por exemplo: no seminário 12, Lacan falando sobre sujeito; no 13, objeto; já no 14, fantasia voltando ao *cross-cap* dos seminários 9 e 10 - percurso desenhado para, só-depois, desembocar na lógica do ato analítico no seminário 15, do outro no 16, chegando ao dito final do ensino, o “último Lacan” que na verdade é o Mesmo. É importante perceber esse percurso lógico para se situar diante de uma obra tão extensa e cheia de reviravoltas; contudo, para apresentar uma consideração clínica e topológica, pode ser trabalhoso se começarmos sempre uma apresentação da topologia lacaniana desde o princípio. Portanto, peço encarecidamente que o leitor do presente artigo considere essa breve ponderação.

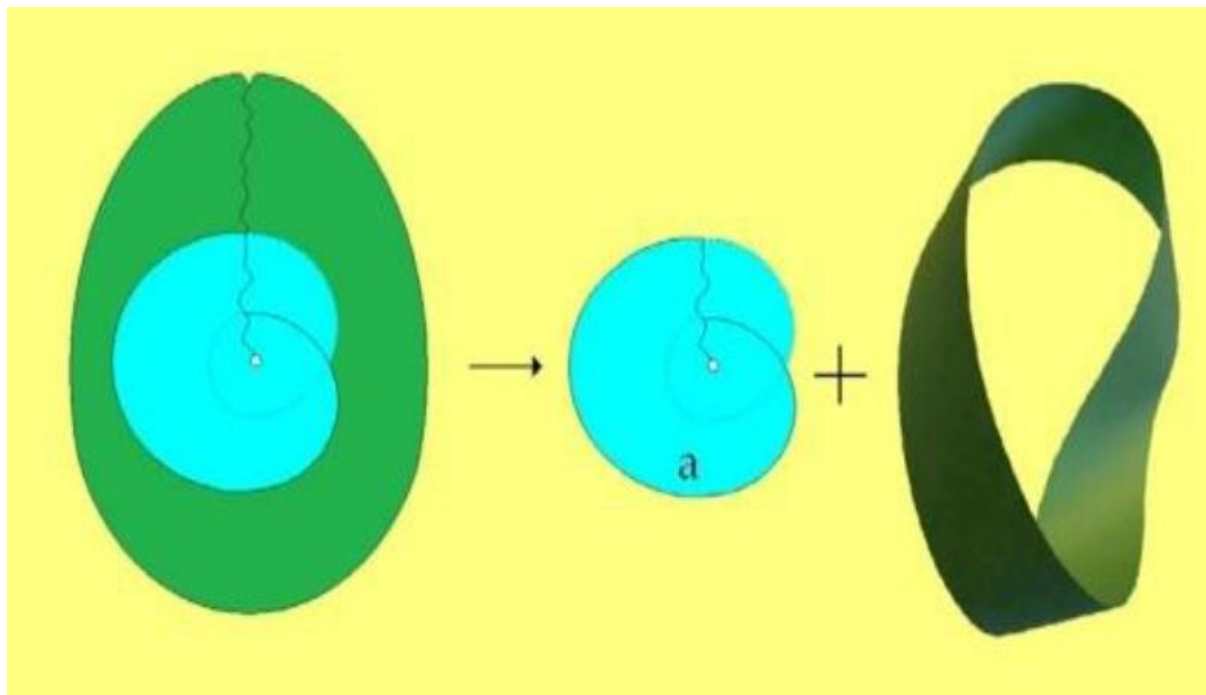
Para além dessa situação específica, outra dificuldade é pontuar que a psicanálise só surge pela ciência moderna ter surgido antes. Nesse ponto, é importante mencionar que “o sujeito do desejo, da verdade, não é um sujeito totalmente, e desde uma suposta sua origem, fora da ciência” (BEIVIDAS, 2001, p. 46). Para a ciência moderna, se tudo está no universo mesmo que exista algo diferente dele, é justo nesse ponto que Milner (1996) situa a teoria do sujeito lacaniano. Tudo dentro sem fora, esse problema de interno-externo recorre à topologia. Há uma retirada de obstáculos pré-científicos tanto na depuração do imaginário do sujeito matemático-psicanalítico desejante quanto na depuração dubitativa do sujeito cartesiano a caminho das ciências (BEIVIDAS, 2001, p. 48).

A TOPOLOGIA DO SUJEITO LACANIANO

No exercício de refinamento clínico, durante o seminário II, Lacan afirma ter deduzido uma topologia para dar conta da constituição do sujeito: “Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Daí deduzi uma topologia cuja finalidade é dar conta da constituição do sujeito.” (LACAN, 2008 [1964], p. 199). Recordo que a noção de sujeito foi articulada por Lacan através da leitura que ele fez de Freud, isto é, tal conceito não é freudiano, mas lacaniano.

Sobre o sujeito, Luciano Elia (2010, p. 13) pondera que Descartes, ao introduzir a certeza de que ele duvidava, fez pela primeira vez na filosofia, o discurso do saber se voltar para o agente do saber, permitindo, dessa forma, tomá-lo como questão de saber. O sujeito, logo, aqui, desdobrando-se, pensa sobre si. O conceito de sujeito surge num momento de angústia na história do pensamento, de angústia com o advento da ciência moderna e de sua separação da filosofia. No entanto, podemos diferenciar o sujeito cartesiano do sujeito lacaniano. O primeiro pensa logo é; o segundo ou pensa ou é, “nunca ambos ao mesmo tempo” (FINK, 1998, p. 64-65). Tal diferença é topológica (Figura 1): o sujeito lacaniano não é pontual como o cartesiano que é ao pensar, ele é mais como uma linha sem pontos, ou seja, como a estrutura da banda de Moebius. O objeto *a* (o objeto-disco que resulta de um corte de dupla alça da superfície do *cross-cap*) é que tem a propriedade de ser redutível a um ponto, mas a banda (o sujeito) não; ao se tentar fazer essa manobra, que é uma manobra a qual tenta coincidir a imagem no espelho à superfície, opera-se um rasgo na estrutura da banda (NASIO, 2011, p. 85), ou seja, do sujeito. Segundo Elia (2010, p. 12-3), Lacan não recorre a uma res infinita como Descartes que supõe um sujeito pensante, “Deus, sua terceira res”, além do seu próprio pensamento. A banda, ela pode ser representada por uma linha sem pontos, enquanto o objeto *a* seria o ponto fora da linha, a saber, o disco que também resulta do corte do oito interior (o corte de dupla alça) da superfície do *cross-cap*, ou seja, o sujeito não é pontual, não se pensa onde é, há aí uma divisão notável, uma barra.

Figura 1 - Corte dupla alça, do oito interior, na superfície do *cross-cap* resultando em um disco e uma banda de Moebius



Fonte: http://www.valas.fr/IMG/pdf/S12_PROBLEMES.pdf, p. 719. Acesso em: 12 jul. 2017.

De acordo com Elia (2010, p. 13), para Freud, a emergência da angústia é a emergência do sujeito. É notável o motivo da escolha da capa do seminário 10, “A Angústia”, na edição de Miller - a banda de Moebius é apresentada na capa desse seminário. No entanto, não se deve confundir a angústia com o desamparo [*Hilflosigkeit*], expressão de Freud, pois esta última,

Ela é mais primitiva que tudo, mais primitiva que a angústia, que já é um esboço de organização, na medida em que é expectativa, *Erwartung*, ainda que não saiba de quê, ainda que não se articule imediatamente. Antes, há a *Hilflosigkeit*, o sem recursos. (LACAN, 2016 [1958-1959], p. 455).

Ao abandonar a hipnose e instituir a associação livre, Freud se dirige ao sujeito, como examina Elia (2010, p. 24), supondo que há algum saber do lado do sujeito. Tal raciocínio advém de uma leitura lacaniana do texto freudiano. Essa suposição de que há um saber do lado do sujeito trata-se de uma implicação clínica que aponta para o sujeito, efeito. Durante a sessão de 16 de junho de 1965 do seminário 12, “*Problèmes cruciaux pour la psychanalyse*” Lacan (2017 [1964-1965], p. 723-4)) diz, após uma longa exposição topológica, não estar longe da clínica, e pontua um certo número de posições subjetivas com relação ao Outro, com os problemas do desejo a partir dessa relação - o conceito de sujeito não vem desarticulado do Outro, do desejo do Outro.

É interessante lembrar que (1) a angústia no seminário 22, R.S.I., de Lacan é mencionada como algo que parte do Real (LACAN, 2016 [1974-1975], p. 25) e (2) que o sujeito é uma categoria

que se impõe à experiência (ELIA, 2010, p. 17). Pergunto: não seria essa insistência, essa emergência, algo da ordem do Real, algo que se repete? “Poderíamos dizer, utilizando uma formulação da lógica proposicional, que o sujeito cessou de não se escrever na experiência freudiana. Escreveu-se o sujeito, em uma contingência pela qual ele foi finalmente incluído no campo dos saberes e práticas humanos.” (ELIA, 2010, p. 27).

Contingência em jogo, o sujeito, para a psicanálise, constitui-se, ou seja, ele não nasce e não se desenvolve (ELIA, 2010, p. 36). Tal constituição remete que o mesmo é efeito do campo da linguagem! Isso é importante por haver pessoas que dizem que em casos de psicose não se pode falar sobre sujeito; mas não se trata de campo discursivo em tal categoria, e sim de campo da linguagem (ex-sexo no caso da psicose). O sujeito, na psicanálise, é efeito. Tal categoria é um ato de resposta, uma resposta dada ao Outro, “esqueleto material e simbólico da ordem social e cultural, é a estrutura significante da ordem social e cultural” (ELIA, 2010, p. 40). Essa ordem indica que estamos no campo dos significantes. É importante se lembrar de uma frase que se repete insistentemente no ensino de Lacan: o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. O *Hilflos*, o sem recursos, de Freud, está sem recursos diante do desejo do Outro para Lacan como ele articula no seminário 6 - Outro esse que é o tesouro dos significantes.

A relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro é dramática, na medida em que o desejo do sujeito tem de se situar perante o desejo do Outro, o qual, no entanto, o aspira literalmente e o deixa sem recursos. É nesse drama que se constitui uma estrutura essencial não só da neurose, como de qualquer outra estrutura analiticamente definida. (LACAN, 2016 [1958-1959], p. 455).

É num segundo momento, num só-depois (*nachträglich*, *après-coup*), após o encontro com o Outro, que tal encontro poderá ganhar significação. Não se ganha um conjunto de significados a serem incorporados como estímulos ou fatores sociais de determinação (ELIA, 2010, p. 41-2).

O significado dado ao encontro com o Outro depende, portanto, do significante, é dele subsidiário, mas não é por ele totalmente determinado, exigindo o trabalho de significação que é feito pelo sujeito. Nesse sentido, o significante pode ser entendido como aquilo que convoca o sujeito, exige o trabalho do sujeito em sua constituição. (ELIA, 2010, p. 42).

O sujeito é convocado pelo significante. É só no encontro que o sujeito e o Outro passam a existir como tais. O encontro cria o “passado”. E esse encontro tem a propriedade de ser faltoso. A falta funda o sujeito, mas depende do ato do sujeito para se fundar como falta (ELIA, 2010, p. 48). O sujeito aparece na psicanálise lacaniana como barrado, como não completo, como

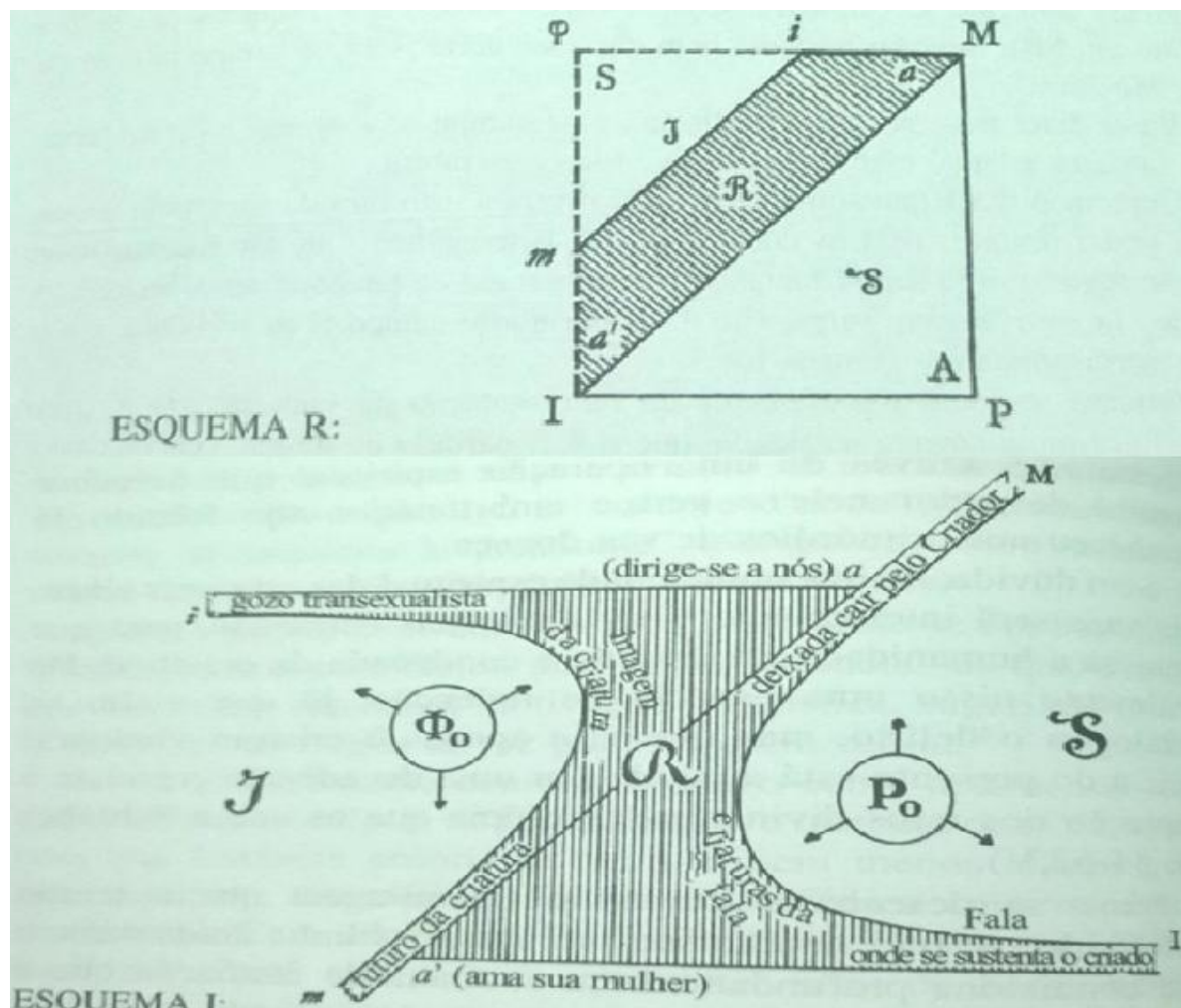
faltoso; sobre o Outro, tesouro dos significantes, ele é um lugar. Ser um lugar exige logicamente uma topologia para ser manejado. Um outro conceito, a fantasia, situa-se no ponto de deficiência fundamental do Outro como lugar da fala que se revela, nesse ponto, Outro barrado, desfalecimento último da testemunha universal. “O objeto *a* se situa nesse ponto de desfalecimento, de carência do Outro, que é também o ponto em que o sujeito recebe do Outro o traço unário, ponto giratório de sua exclusão de toda realização significante.” (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 537). Logo, a função fálica, identificável com o furo do *cross-cap*, revela-se “ponto comum de emergência” tanto no nível do sujeito que se torna sujeito barrado, quanto no nível do objeto *a* que, para o desejo, ele autentica, dando-lhe a propriedade da superfície entrecruzada (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 537).

[...] a neurose se revela ser uma das faces da estrutura tal como a implica a cadeia significante (para o neurótico, é com o Outro que ele tem de se haver), assim como para o perverso é o falo que está no centro de seu problema, do mesmo modo, enfim, como o psicótico é normal em sua psicose, na medida em que é a relação com o corpo próprio que está em jogo (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 537).

A primeira volta do corte dessa superfície entrecruzada que é o *cross-cap* não efetua uma separação; a segunda volta, esta sim, efetua a separação e assim transforma a superfície em duas (Figura 1). Tal estrutura faz mostração da fantasia. “O ‘momento’ da fantasia é aquele do eclipse do sujeito e de sua passagem para o objeto.” (BAUDRY, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 197). “A fantasia é o que o sujeito fomenta no ponto cego do desejo do Outro, sempre recoberto de um velamento máximo por $i(a)$ ” (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 537). Como se observa, as articulações dessas categorias por Lacan não são somente lógicas, mas também topológicas.

Já Marc Darmon (1994, p. 110), ao falar sobre a topologia do sujeito, situa os esquemas R e I do texto “*Question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*” dos Escritos de Lacan. Nesses esquemas, aparecem representações espaciais que não são mais limitadas pelo plano euclidiano. O esquema R é um *cross-cap* e presentifica a linha de corte central que pode isolar dele uma banda de Moebius e um pedaço, o objeto *a* (Figura 2).

Figura 2 - Esquema R plano projetivo, esquema I plano hiperbólico



Fonte: LACAN, Jacques, 1998 [1966].

A topologia do plano projetivo ou do *cross-cap*, Marc Darmon não faz questão de diferenciá-los por momentos em seu livro sobre topologia por se tratarem da mesma coisa em momentos distintos, ela está indicada no esquema R. Preciso que quando se fala do esquema R, trata-se de um plano projetivo e este é não orientável; e quando se fala do esquema I, trata-se de um plano hiperbólico, orientável. Saindo da linguagem matemática e indo para a linguagem psicanalítica, isso quer dizer que quando se trata do esquema R, há uma falta da visibilidade do objeto a no espelho, uma falta; quando se maneja o esquema I, hiperbólico com suas assíntotas há a presença de a no espelho, assim como se dá com os seios de Schreber (DARMON, 1994, p. 124).

Esse esquema demonstra que o estado terminal da psicose não representa o caos petrificado a que levam as conseqüências de um sismo, porém, muito antes, essa evidência de linhas de eficiência que faz falar, quando se trata de um problema de solução elegante. (LACAN, 1998 [1966], p. 578).

Segundo Andrea Guerra (2010), nas neuroses, há um laço simbólico que liga a formação sintomática ao conteúdo originalmente recalcado; nas psicoses, um fragmento da realidade é rejeitado e substituído pelo delírio - logo, a diferença entre as duas se localiza no caminho para restaurar a realidade, pois há perda da realidade tanto na neurose quanto na psicose, como já evidenciara Freud. Na paranoia, há regressão e fixação do paranoico no nível do narcisismo primário, por isso o questionamento sobre a transferência do paranoico. Mas pergunto: qual amor, levando em consideração que se trata de amor ao se tratar de transferência, qual amor não tem um fundo narcísico? Na verdade, clinicamente, a transferência é fortíssima, podendo virar uma colagem. Há especularidade e ausência de inscrição da falta no campo do simbólico, o Outro sendo tirano na paranoia, pois o mesmo não teve inscrição do Nome-do-Pai, significante da Lei, para barrar o gozo do Outro. A modalidade de transferência é dita persecutória ou erotômana. Já na esquizofrenia, há a experiência do corpo despedaçado - é no corpo que o afeto retorna sob a forma de gozo. Também de acordo com Andrea Guerra (2010), na melancolia há uma hemorragia de libido visto que há um furo no psiquismo desde Freud - Lacan a chama de a dor de existir. Aqui a sombra do objeto perdido cai sobre o eu; o *Ich* se identifica ao objeto atraindo a cólera do *Über-ich* contra ele. Retomo: na paranoia, há retorno do gozo no Outro; na esquizofrenia, há retorno do gozo no corpo; e na melancolia, há perda permanente de gozo através do eu. Algo de extrema importância, que é necessário que se diga, é que não se pode dizer que não exista sujeito nas psicoses, pois há efeito da linguagem também nesses casos, há emergências de sujeito também nesses casos.

Na mitra (outro nome para o *cross-cap*), as faces Simbólico e Imaginário do esquema R se unem em todas as partes (DARMON, 1994, p. 138). No esquema I, o que ocorre é uma invasão do Simbólico e do Imaginário, com o Real ficando então reduzido a uma ilhota (Figura 2).

Como a banda de Moebius, o plano projetivo também tem um só lado; sua face direita e a avessa podem se rejuntar em todos os pontos. Outro ponto elencado por Marc Darmon (1994, p. 278) é a dedução de que o plano projetivo amputado de um disco é uma faixa de Moebius sabendo que o plano pode ser construído pelo recolamento de uma faixa de Moebius e de um disco ao longo de sua borda homeomorfa a um círculo. Com isso, pode-se depreender

que a banda de Moebius é um *cross-cap* furado, ou seja, sem um disco. Se ao invés de se recolar um disco, recolar-se outra banda de Moebius, o resultado seria uma garrafa de Klein - outra superfície topológica, mas, como a mesma excederia o recorte da presente pesquisa, não será tratada.

O plano projetivo é não especular, pois ele não possui borda, assim como a banda de Moebius. Se o *cross-cap* é não especular, ele deve isso à rodela do objeto *a* e não à faixa. O disco do objeto *a* é, em suma, não-especular, porque permanece um disco imerso no espaço com três dimensões, e não simplesmente mergulhado (DARMON, 1994, p. 279). Didaticamente: mergulho > 3; imersão = 3. A bijeção não se verifica na imersão, ela se verifica apenas no mergulho, ou seja, na transformação num espaço com mais de três dimensões. Nos casos de mergulho, nesse espaço com mais de três dimensões, trata-se de deformações contínuas, sem ruptura, ou seja, sem brecha no plano tangente. No caso da imersão, a superfície pode se atravessar contrariamente à deformação de mergulho, com a condição de respeitar as restrições de continuidade que são impostas ao plano tangente quando se trata de um mergulho. O modelo utilizado por Lacan, nesse momento, é o da imersão (DARMON, 1994, p. 280).

Numa imersão, a superfície pode então fazer uma autotravessia. Disso resulta uma linha de interpenetração feita de pontos duplos, ou triplos, ou *n*-pontos. Como o significante, cada ponto duplo é diferente de si mesmo. (DARMON, 1994, p. 280). A transformação do *cross-cap* em banda de Moebius é obtida pela deformação da borda do boné; após deformar a borda, empurra-se a mesma através da linha de interpenetração, destruindo progressivamente essa linha (DARMON, 1994, p. 281) - fazendo furo no boné. Não esqueçamos de que a banda de Moebius é uma mitra furada; e de que a mitra, ela é uma organização do furo, escamoteando-o (GRANON-LAFONT, 1996, p. 75-6). É interessante notar que tal superfície, a mitra, é manejada enquanto Lacan fala sobre a lógica da fantasia, tratando-se de forma topológica da fantasia. Acrescento: uma organização do furo, escamoteando-o sem foracluí-lo.

Vemos também como Lacan situava, no Esquema R, as categorias do Real, do Simbólico e do Imaginário sobre o plano projetivo. A estrutura do plano projetivo advém de um Real; trata-se do corte em dupla alça que é idêntico à faixa de Moebius, e que constitui a superfície inteira feita de linhas sem ponto. Esse corte do Real encerra e separa o Simbólico e o Imaginário nas duas faces do disco do objeto *a*. [...] [A não-especularidade] é o resultado da interação do Real e do Simbólico, por um lado, com o Imaginário, por outro. Ela se atém à incompatibilidade de uma certa estrutura bidimensional com a terceira dimensão imaginária. (DARMON, 1994, p. 282).

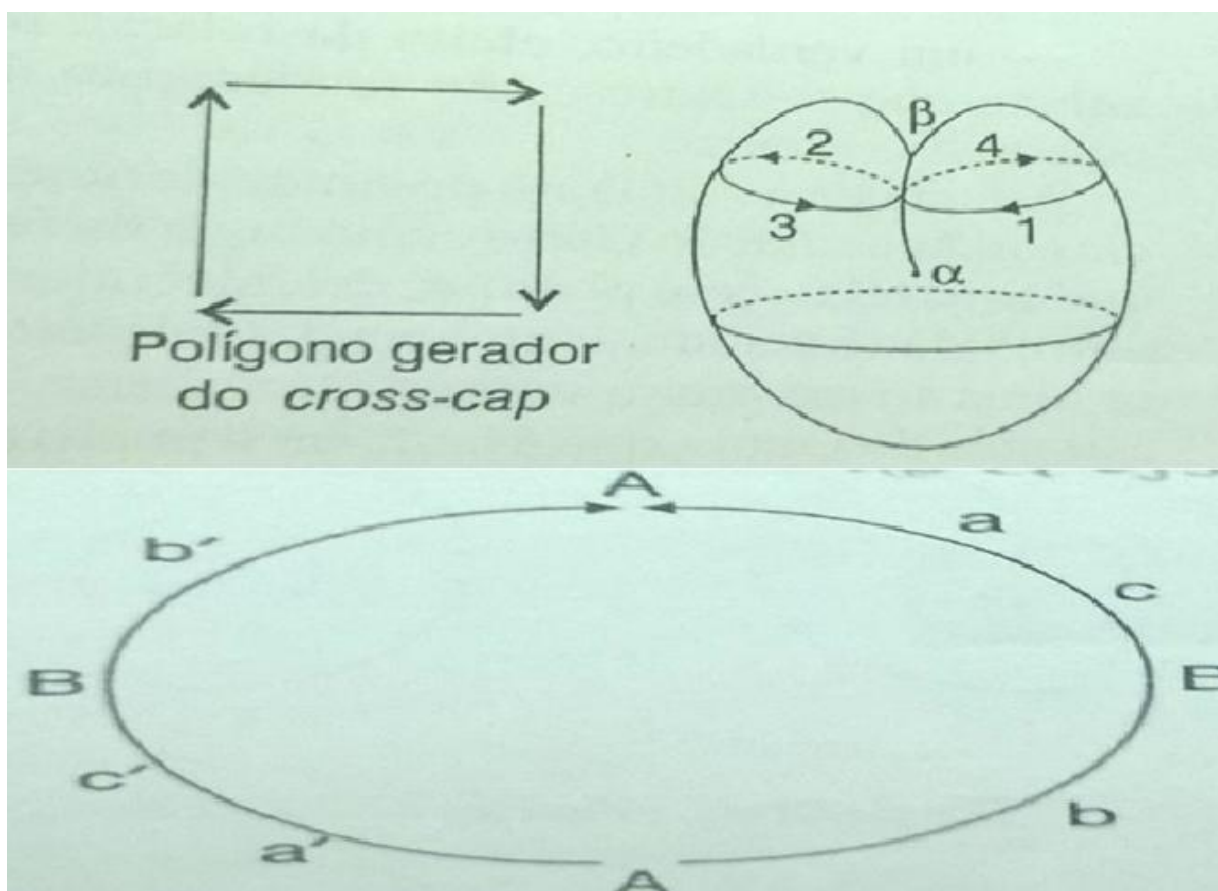
O corte em dupla alça também chamado de corte do oito-interior é idêntico à banda de Moebius. O sujeito é então considerado também como corte. A faixa de Moebius existe nessa

terceira dimensão, e o objeto a que a fecha é o disco que apoia sobre sua borda e que não é imaginável na terceira dimensão. Aqui se apresenta essa necessidade da imersão ($= 3$) e da linha de autotravessia para desenhar o objeto a no campo do imaginário. A operação do boné é uma operação imaginária, não tocamos na estrutura topológica da superfície (mergulho > 3), mas é uma operação comandada pela própria estrutura da superfície simbólica e da borda real; essa estrutura não pode ser modificada senão por um corte advindo então do Real e isso se manifesta no tecido simbólico do discurso (DARMON, 1994, p. 282).

“Nada garante que o espaço tem três dimensões” (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 528). Lacan falava da dificuldade do sujeito de acessar o 3 e que ele vacilava entre o 2 e o 3. Ao excluir a terceira dimensão enigmática, Lacan diz que uma superfície bidimensional é suficiente para inscrever toda nossa experiência. Essa nova lógica comportará, portanto, duas dimensões acrescidas de uma terceira: a dimensão temporal de ordem das operações (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 528). Aqui pode ser visto o sujeito como uma superfície sobre a qual o significante opera.

No *cross-cap* há também uma linha de autointerseção que pode se deslocar sobre a superfície (“inflada” lacaniana, imersão) e deve ser considerada, a rigor, nula e não ocorrida para o *cross-cap* abstrato, “asfera” lacaniana (mergulho em jogo). A linha de autopenetração do *cross-cap* permite um trajeto privilegiado: o ser infinitamente plano passa do “exterior” da superfície fechada (1) para o “interior” (2), repassa pelo “exterior” (3) e novamente pelo “interior” (4) unindo-se (Figura 3). Esse trajeto é chamado de γ segundo Conté (1996, *apud* KAUFMANN, 1996, p. 533). Coloquei interior e exterior entre aspas para lembrar de que isso não tem dentro nem fora, trata-se de superfície. Lacan opera na inflada esperando sacar algo da asfera. A mitra apresenta dois pontos que organizam sua estrutura: α e β . O primeiro é o buraco central e o segundo é o buraco de penetração. O buraco central pode ser representado por dois vetores (Figura 3) orientados, tratando-se de um entrecruzamento radiado que liga um ponto a um ponto oposto do outro lado (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 534).

Figura 3 - Mitra

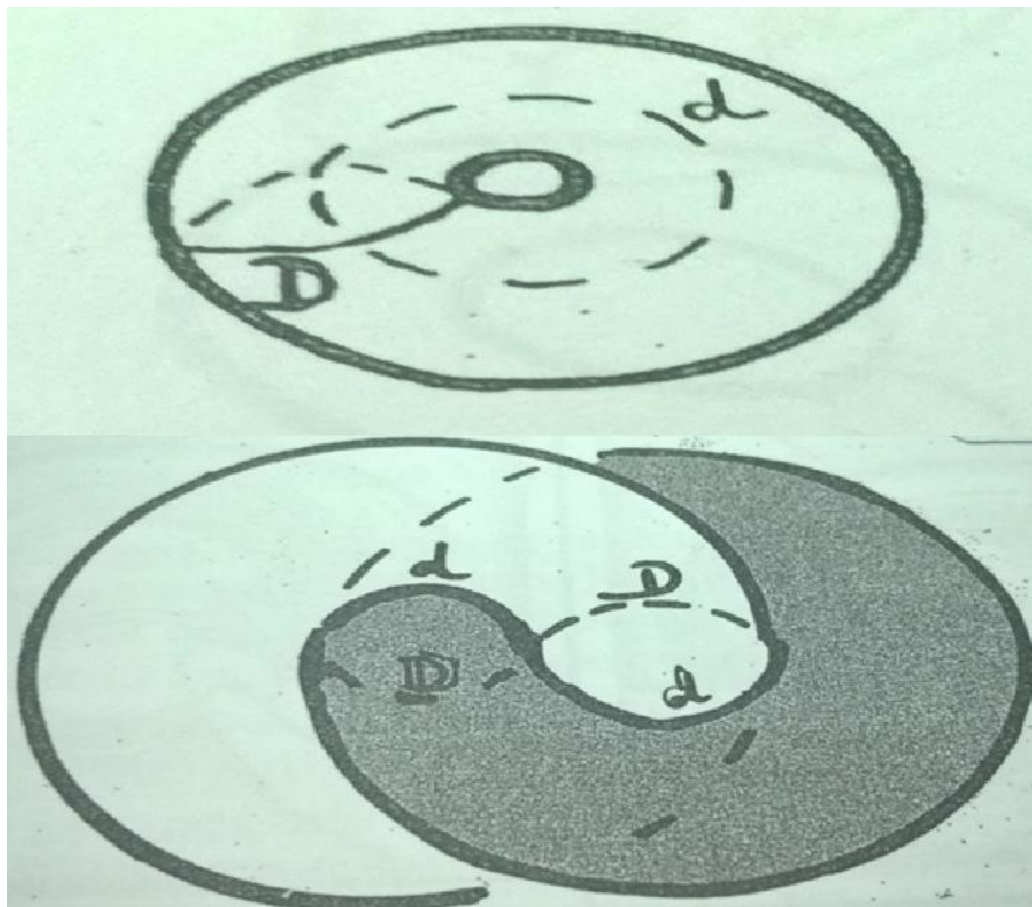


Fonte: KAUFMANN, P., 1996, p. 534.

Trata-se de simbolizar o que pode introduzir um objeto *a* qualquer no lugar do furo: admitamos que o furo do *cross-cap* é o falo e que é por ele que um objeto *a* pode ser posto no lugar em que, no toro, apreendemos apenas seu contorno: “o objeto está lá desde sempre e trata-se de compreender como ele pode ser tomado na função significante e com isso apenas reencontrar sua destinação original: o significante (corte) determina o sujeito como uma superfície (que é ela mesma um corte, pois o sujeito vai se revelar ser suportado por uma banda de Moebius). (CONTÉ 1996, *apud* KAUFMANN, 1996, p. 534-5).

O objeto *a* ocupa esse furo central do *cross-cap*. Através do toro, mostra-se a demanda fazendo rodeios ao redor de um vazio e não captura algo: ela se repete e se fecha, ensimesma-se, só captura o contorno do objeto sem o saber. A demanda do sujeito e o objeto *a* não estão jamais conjugados. A relação dos dois “toros neuróticos” mostra onde o desejo (*d*) de um se posiciona em relação à demanda (*D*) do outro (Figura 4).

Figura 4 - Demanda e desejo no toro



Fonte: GRANON-LAFONT, J., 1996.

Um é o reviramento (*retournement*) do outro, como Pierre Soury, matemático que participava dos seminários de Lacan, fez numa mostraçã durante o seminário 25 na sessão de 17 de janeiro de 1978. “*Que deux tores étant le dédoublement d'un tore, c'est la même chose que deux tores enlacés, c'est pas évident. C'est le retournement qui dit ça, et le retournement c'est pas évident.*” (LACAN, 2016 [1977-1978], p. 46). Traduzo: “que dois toros sejam a duplicação de um toro, é a mesma coisa que dois toros enlaçados, não é evidente. É o reviramento que diz isso, e o reviramento não é evidente.”.

“Já o *cross-cap* permite formalizar a função da fantasia e da estrutura do desejo em sua função organizadora.” (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 536). O *cross-cap* permite definir a relação do sujeito com o objeto do desejo fornecendo a estrutura da fantasia fundamental - e isso formalizado, sujeito punção *a*.

O corte do oito interior ao rodar duas vezes o furo central da mitra, divide a superfície em duas superfícies separadas distintas (Figura 1): a parte central se desprende, a superfície entrecruzada que suporta a função do objeto *a*, e resta uma banda Moebius; ou seja, o corte do objeto *a*, o sujeito (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 536-7). Esse corte é a cirurgia do boné (DARMON, 1994, p. 277). É importante notar que antes do corte de dupla alça, duas superfícies heterogêneas - banda de Moebius e disco bilátero - estavam presentes numa única superfície. Também creio, pontuação pessoal, que poderíamos cogitar o seguinte: é o corte que instaura a heterogeneidade.

O objeto *a* caído é orientável e, no entanto, não-especular, por ele ser idêntico a ele visto de trás. Lacan (2017 [1964-1965], p. 720) afirma que o objeto *a* é essencial para a dialética analítica, “*cette autre chose*”, de natureza diferente de uma banda de Moebius, “*c'est ce qui topologiquement correspond à l'objet(a)*”, “*cet objet(a) est essentiel à la dialectique analytique*”. Não se trata de uma boa forma, esse trapo [*haillon*] é antipático à boa forma, ela é a forma onde se apresenta, sob quatro registros, o objeto na análise: o seio, o excremento, o olhar e a voz. Segundo Lacan, (2017 [1964-1965], p. 721) é sob esta forma topológica que se concebe a função do objeto *a*. E é sob ela que surge a possibilidade da substituição do objeto *a* à constituição do Outro, onde o homem se redobraría (acrescento uma pergunta: sem corte?) e se soldaria à um Outro pré-formado, ou seja àquele que o fez à sua imagem, imagem semelhante e invertida. Lacan (2017 [1964-1965], p. 722) diz que é enquanto se é objeto *a* é que o desejo é o desejo do Outro, entrando-se assim na dialética da relação com o Outro, na relação de alienação. Diferentemente ocorre na separação, o objeto *a* sendo aí substituído. Nessa outra relação com o Outro, instaura-se como decaído, reduzido ao papel de trapo, pois o desejo é determinado pelo que foi a estrutura de desejo do Outro.

Aqui se consegue manejar a categoria fantasia topologicamente, pois a fantasia é a conjunção da divisão [*Entzweiung*] do sujeito com o objeto *a*, graças a que uma completude falaciosa vem recobrir aquilo que é do impossível do real (LACAN, 2017 [1964-1965], p. 722). Lacan afirma que essa noção de *Entzweiung* de Freud culmina na noção de clivagem [*Spaltung*] do sujeito, “*Spaltung du sujet essentiellement une Entzweiung*” (LACAN, 2017 [1964-1965], p. 682). No entanto, Freud não menciona clivagem do sujeito durante sua obra, ele escreve sobre *Ichspaltung*, clivagem do eu. Voltando para Lacan com o que é de Lacan, a categoria de sujeito, fruto de seu raciocínio lógico, topológico, a banda de Moebius colada com o objeto *a* resulta nessa estrutura do *cross-cap*. O corte de dupla alça na mitra faz então aparecer: “1) Uma parte

central, a que carrega a verdadeira estrutura do *cross-cap*, superfície de dupla volta em torno de um furo que lhe confere propriedades topológicas”, o ponto alfa (Figura 3); “2) Um resto que é uma banda de Moebius, superfície que conserva apenas uma parte das propriedades do *cross-cap*: unilateral e estruturada por uma dissimetria fundamental (a imagem no espelho desse resto não lhe pode ser superposta)”. Com isso, pode-se notar que “a relação com a imagem do corpo, no narcisismo secundário, só assume seu peso por estar ligada à relação com o objeto que caracteriza a fantasia fundamental” (CONTÉ, 1996 *apud* KAUFMANN, 1996, p. 537). Conté (1996 *apud* KAUFMANN, 1996) então situa dois imaginários: 1) Um falso, que suporta as miragens do “des-conhecer”; 2) Um verdadeiro, efeito da relação do sujeito com o Outro como fundamento do sujeito do discurso.

Sobre o discurso, o sujeito fundamentado, ao “falar e dizer” (como a expressão popular transmite: “falou e disse”) opera um corte na banda de Moebius, corte que altera sua constituição com a perda de uma propriedade. De superfície unilátera, ela se torna bilátera. É de perda que se trata aqui. É interessante notar que, por exemplo, na sexuação para Lacan se trata de discurso, trata-se de posições discursivas.

Esse corte do oito interior (ele chegando a ser lido como a própria banda de Moebius) nessas superfícies, essas castrações, lembram o mito cômico e cosmogônico (permitam-me: “cosmocômico”) de Aristófanes em “O banquete” de Platão, onde Aristófanes sempre gaio, articulando com Witz, diz, como sempre, algo muito interessante. Aristófanes fala de seres circulares (tal circularidade Lacan pontua durante o seminário 8, “A Transferência”, como algo cômico), os quais eram circulares antes de receberem um corte de Zeus por se sentirem superiores a ele. Laura Lustosa Rubião (2007, p. 22), em sua tese de doutorado, “Lacan leitor de comédias”, articula uma pergunta curiosa: “saber qual é a função e a operacionalidade desse reduto mítico no interior do psiquismo: o que nos faz crer na possibilidade de dois virem a formar um?”. Pergunto: topologicamente, tal mito não seria lisível e formalizável através da estrutura do *cross-cap*? Além disso: formar um, um o avesso do outro, através da leitura do toro? Ainda nesse mito, Zeus poderia cortar os seres novamente se eles se sentissem mais uma vez superiores aos deuses, e eles passariam a andar com apenas uma perna, tratando-se, assim de um segundo corte. Esse corte, do sujeito ao “falar e dizer”, não seria examinável através da estrutura da banda de Moebius quando ela recebe um corte de uma só volta na qual ela perde a propriedade unilátera? O sujeito se manca [*manquer*] ao dizer, faltoso, sai mancando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao início dessa investigação: diferentemente de Descartes - e ele provavelmente notou isto pela necessidade da *res infinita* em suas articulações -, há algo que se perde quando o sujeito se “diz-dobra”, ao pensar sobre si, ao falar, por nunca dizer exatamente aquilo (dizendo também quase sempre “mais um pouquinho” ao gozar). Há perda em jogo. Tais divisões subjetivas são manejáveis topologicamente. A complicação se mostra marcante, logo, por se estudar a topologia vinculada ao sujeito, pois é um atrevimento e uma subversão um estudo do lugar quando se pensa onde não se é, quando se é onde não se pensa. Esse “onde”, trata-se de lugar, e ele é marcadamente Outro. O manejo topológico e a formalização matemática para tentativa de precisão da tarefa clínica são notáveis.

Observou-se ao longo do exame que o conceito de sujeito é mesmo o que demandou uma incursão na topologia (LACAN, 2008 [1964]). Dessa forma, é sensível o esforço de Lacan para precisar e refinar teoricamente o que ele escuta na prática, de estruturas diversas, que não são sem lei, avançando, assim como Freud, num rigor teórico através da singularidade de cada caso. Dessa forma, a clínica se torna mais sólida, tendo em vista aquilo que se decantou teoricamente e tece seu vínculo com o aspecto científico da psicanálise, algo tão buscado por Freud, tendo em vista que o sujeito da ciência é o sujeito lacaniano. Os desenhos topológicos servem de apoio ao analista, o qual percebe que, de fato, para além dos anedotários das teorizações, parece ser o que teoricamente está mais próximo do exercício clínico, tendo em vista a abertura à disponibilidade do mesmo para cada caso, sem fechamento imaginário pela via do sentido anedótico. Dessa forma, os ditos buracos que nunca se fecham, os ouvidos, finalmente não se tamponam.

REFERÊNCIAS

- BEIVIDAS, W. Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência e estrutura. 2. ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2001.
- CANCINA, P. H. La investigación em psicoanálisis. Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2008.
- CORRÊA, I. Da tropologia à topologia. 2. ed. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2009.
- DARMON, M. Ensaio sobre a topologia lacaniana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ELIA, L. O conceito de sujeito. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FINK, B. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GRANON-LAFONT, J. A topologia de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

GUERRA, A. M. C. A psicose. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KAUFMANN, P. Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. (1957-1958). In: LACAN, J. Escritos (1966). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-1959]. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LACAN, J. Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. Séminaire 12, Problèmes cruciaux pour la psychanalyse (1964-1965). Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/S12_PROBLEMES.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2017.

LACAN, J. Séminaire 22, R.S.I. (1974-1975). Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/s22_r.s.i.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

LACAN, J. Séminaire 25, Le moment de conclure (1977-1978). Disponível em: <http://www.valas.fr/IMG/pdf/la_topologie_et_le_temps_1978_1979.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

17

MILNER, J. C. A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

NASIO, J. - D. Introdução à topologia de Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RUBIÃO, L. L. Lacan leitor de comédias: contribuições a uma ética do bem-dizer. 2007. Tese (Doutorado em Letras Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-727FNG/lauralustosa.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jul. 2017.